

Uma análise dos valores sintático-semânticos da forma verbo-nominal *gerúndio*

Christian Pizzolatto (autor)
Leandro Zanetti Lara¹ (orientador)

RESUMO: Este estudo busca investigar os usos atribuídos à forma verbo-nominal gerúndio discutindo a sintaxe e a semântica dessa estrutura em uma amostra de *corpus* textual do português brasileiro. Com efeito, elaborou-se uma breve descrição dos valores sintáticos e semânticos do gerúndio contidos na literatura gramatical de cunho mais normativo a fim de compará-los aos usos comumente observados em textos escritos de caráter escolar. Para tanto, foram extraídos excertos de redações do Banco de Redações do site UOL e analisadas construções em que o uso do gerúndio extrapola o comportamento previsto nas Gramáticas Normativas. Verificou-se que há usos bastante diversos – o que confirma a versatilidade dessa forma verbo-nominal – e que, em alguns casos, inclusive, tal característica pode gerar uma estrutura “desviante”, em que há uma ruptura semântica entre as proposições que se relacionam através do morfema *-ndo*. Ademais, procurou-se discutir o fenômeno “gerundismo”, termo que designa, atualmente, um uso específico do gerúndio considerado como “abusivo”.

PALAVRAS-CHAVE: sintaxe/semântica; gerúndio; uso linguístico.

Introdução

A forma nominal do verbo denominada *gerúndio* é comumente utilizada em diversos contextos oracionais. Tradicionalmente, tem-se interpretado esta forma verbal como portadora de um conteúdo semântico que remete à ideia de “algo que está em processo” ou de uma “ação em curso”. Porém, tanto a fala como a escrita atuais parecem apresentar usos muito diversos do gerúndio, que extrapolam em muito o comportamento previsto em estudos de cunho mais tradicional. Assim, temos, na verdade, uma característica marcante da forma *-ndo* no português brasileiro, que é justamente sua destacada versatilidade²; em outras palavras, sua intensa polissemia. Cabe ressaltar o interessante fenômeno: muitas das inovações de uso da forma gerúndio

¹ Professor da 8ª. Edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – UFRGS.

² O sentido que “versatilidade” assume neste estudo diz respeito à capacidade de o *gerúndio* inserir-se em diversos contextos sintático-semânticos.

foram incorporadas, com o tempo, aos manuais de gramática, tendo outros usos mais modernos sido estigmatizados, e inclusive tachados com a designação de “gerundismo”, termo já antigo na literatura gramatical brasileira, mas que ganhou *status* de neologismo nas últimas duas décadas, quando foi dada muita atenção, não só pelos gramáticos, mas também pelos meios de comunicação, aos empregos “abusivos” da forma gerúndio. O caso clássico sempre renovadamente citado é o uso exagerado, e aparentemente equivocado, do gerúndio em construções como “vou estar recebendo”. Obviamente, o crivo da Gramática Normativa, doravante denominada GN, não é o único fator para que um determinado uso ou sentido de uma forma linguística se gramaticalize no vernáculo de uma língua, muito antes pelo contrário, é a língua que passa por variados processos de gramaticalização, tendo a gramaticografia que seguir seus passos, quanto mais atentamente melhor.

Assim, o objetivo específico deste trabalho é discutir a sintaxe e a semântica das formas verbo-nominais com sufixo *-ndo* em diferentes contextos sintáticos, considerando, para isso, não apenas os usos comumente atribuídos à forma gerúndio, os quais são arrolados nos compêndios gramaticais de cunho tradicional, mas também os usos que ultrapassam uma perspectiva de análise tradicional-normativa da língua, como aquele que apresenta o valor coesivo do morfema *-ndo* – e mesmo aqueles que são considerados usos “desviantes³” – construções cuja proposição central é comprometida pelo uso “questionável” do morfema *-ndo*, fato que transforma o gerúndio em uma espécie de “bengala coesiva”.

Para realizar esta pesquisa, foi feita a recolha de um *corpus* de excertos de redações, haja vista que uma das maiores preocupações no âmbito do ensino de português na atualidade é o equilíbrio entre os saberes advindos da língua oral e aqueles necessários para a língua escrita. E, exatamente em função de que estruturas inovadoras com gerúndio são muito frequentes em textos produzidos pelos aprendizes em sala de aula, justifica-se este estudo, de um ponto de vista prático, em função de que é premente entender-se as mudanças por que passa a língua e pensar em como bem articulá-las com o ensino de português. Já de um ponto de vista teórico, acredita-se que a presente pesquisa, ainda que de forma preliminar, dadas as dimensões deste artigo, contribuirá para os estudos dos fenômenos de gramaticalização do português brasileiro.

³ O termo “desviante” (por falta de haver um termo mais específico) refere-se ao uso indiscriminado da forma *gerúndio*, que, em determinados contextos sintáticos, é responsável por causar ambiguidade e ruptura na relação de sentido entre determinadas proposições.

A organização geral do presente estudo obedece ao seguinte ordenamento: na primeira seção, será apresentado um breve panorama das principais construções com gerúndio consideradas como corretas pela norma padrão; em um segundo momento, será exposta a metodologia de pesquisa e de análise do *corpus* selecionado para esta pesquisa, o qual é constituído de excertos de redações do Banco de Redações do *site* UOL – Universo Online, a fim de discutir o uso do gerúndio na construção de textos escritos; posteriormente, empreender-se-á a análise do *corpus*, uma breve discussão sintetizando as interpretações acerca do uso denominado *gerundismo*, seguida das considerações finais.

1. Breve panorama dos usos da forma verbo-nominal *gerúndio*

Sabe-se, como afirmam Mória e Viotti (2004), que “as formas verbais de gerúndio são altamente versáteis, podendo ocorrer em contextos gramaticais bastante distintos” (MÓIA e VIOTTI, 2004, p. 715). No entanto, quando recorremos à literatura gramatical, principalmente à tradicional, essa versatilidade do gerúndio é pouco discutida, fato que pode ser justificado pela abordagem pouco sistemática e, por isso, inconsistente dos estudos da semântica nesses manuais. A descrição, pela Gramática Tradicional, doravante denominada GT, de estruturas oracionais que contenham gerúndio está, normalmente, ligada às orações reduzidas. Segundo Cunha e Cintra (2008), as orações reduzidas de gerúndio podem ser apenas *adjetivas* e *adverbiais*, isto é, a oração reduzida é “[...] a oração dependente que não se inicia por relativo nem por conjunção subordinativa, e que tem o verbo numas das Formas Nominais – O INFINITIVO, O GERÚNDIO, OU PARTICÍPIO.” (CUNHA e CINTRA, 2008, p. 623). Vejamos alguns exemplos que os autores nos fornecem no que concerne às reduzidas de gerúndio.

(1) Era o sortilégio, a sedução / **ferindo os corações**./ (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 624)

Claramente, em consonância com a afirmação dos autores, a oração que é iniciada por gerúndio carrega um valor de adjetivo, uma vez que pode ser substituída por “que feria os corações”, e vice-versa, uma oração adjetiva (com pronome relativo) muitas vezes pode ser “reduzida a gerúndio”.

Vejam os exemplos de uma segunda construção contida na gramática dos autores acima relacionados.

(2) **/Passando hoje pela porta do meu compadre José Amaro/**, ele me convidou para tomar conta de sua casa. (CUNHA e CINTRA, 2008, p. 629)

Trata-se aqui de uma oração subordinada adverbial (temporal) reduzida de gerúndio, visto que a oração destacada exerce um valor de tempo em relação à outra à qual está subordinada. Nesse caso, o morfema *-ndo* nominalizador do verbo “passar” pode ser substituído pela forma verbal flexionada no pretérito do subjuntivo “passava” e, à oração, é acrescido o articulador “quando”, cujo valor semântico corresponde à noção de temporalidade.

Cunha e Cintra (2008) afirmam que o *gerúndio* tem principalmente significado temporal e que, por conta dessa característica, corresponde a orações subordinadas adverbiais temporais. Embora classifiquem dessa maneira, admitem que essa forma nominal do verbo pode apresentar valores adverbiais de causa, concessão e condição, como, respectivamente, aparecem nos exemplos elencados pelos autores:

“**Presentindo que as suas intenções haviam sido adivinhadas**, Macedo tentou minorar a situação”; “Aqui mesmo, **ainda não sendo padre**, se quiser florear com os outros rapazes, e não souber, há de queixar-se de você, Mana Glória.”; “**Pensando bem**, tudo aquilo era muito estranho.” (CUNHA e CINTRA, 2008, p. 629-630)

Azeredo (2013), em sua obra *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*, cuja orientação teórica é prioritariamente descritiva, embora haja alguns pontos de caráter normativo⁴, reconhece, além das construções gerundivas com valor adverbial (tempo, causa, concessão e condição) e das com valor de adjetivo, aquelas construções que exprimem as noções de adição, conclusão e consequência. Examinemos alguns exemplos dados pelo autor.

(3) Parte do teto da igreja desabou, **causando** pânico entre os fiéis. (consequência)
(AZEREDO, 2013, p. 346)

⁴ A indicação de que há certo caráter normativo na gramática referida é antecipada pelo próprio autor no prefácio da obra.

(3a) Os preços anunciados são promocionais, **podendo** ser alterados ao final do estoque. (conclusão) (AZEREDO, 2013, p. 346)

É evidente o sentido que os verbos *causar* e *poder*, somados ao morfema *-ndo*, carregam nos dois exemplos acima; estão bem empregados no período, uma vez que o leitor consegue recuperar facilmente o referente dos verbos e, a partir do contexto semântico criado entre as duas orações e evidenciado pela forma do verbo no gerúndio, consegue depreender, com clareza, a relação de sentido entre as duas orações de cada período. Essa justificativa corrobora a observação de Azeredo (2013) quando este afirma que “a oração reduzida de gerúndio possui geralmente um sujeito correferente ou relacionado ao da oração principal” – essa ideia (de correferência de sujeito) será retomada quando analisarmos os usos “desviantes” do gerúndio.

Embora a forma *podendo* introduza claramente uma ideia de conclusão, é interessante considerar que há outro sentido possível (pelo menos) que *podendo* está introduzindo. O sentido impresso no período citado pode variar de acordo com a situação comunicativa na qual se insere. Se substituíssemos, por exemplo, *podendo* por nexos adversativos + verbo na sua forma finita (*Os preços anunciados são promocionais, entretanto podem ser alterados ao final do estoque.*), a frase permaneceria sintática e semanticamente bem construída, ou seja, estaria gramaticalmente correta. Tal alteração, no entanto, causaria uma modificação no significado da proposição – passaria da noção de conclusão para a de adversatividade. Como nos referimos anteriormente, em uma situação comunicativa específica, a noção de conclusão seria acarretada pela intenção do falante de transmitir ao leitor a ideia tácita de que, por serem preços promocionais – situação transitória –, possivelmente esses preços voltem “ao normal” no final da promoção. Já no caso de usar-se um nexo adversativo, o falante transmite a ideia de que a promoção durará pouco tempo – a possibilidade de os preços voltarem “ao normal” parece ser o foco dessa construção –, o que denota, aparentemente, para o leitor, a necessidade de “aproveitar enquanto é tempo”.

Embora essa perspectiva de análise esteja mais vinculada à pragmática do que à semântica, uma vez que trabalha com a plasticidade das relações de sentido em situações específicas de uso da língua, é importante que analisemos tais casos a fim de evidenciar a versatilidade sintática e principalmente semântica da forma verbal *gerúndio*. Dessa forma, com base nesses dados, verificamos certa propriedade coesiva no

morfema *-ndo*, visto que este, nas orações exemplificadas, é responsável pela relação sintático-semântica estabelecida entre as duas orações.

Salienta-se que Azeredo (2013) reconhece, ainda, os valores de *modo* e *meio* – as duas principais funções dessa forma verbal em sua matriz latina –, e que essas duas noções confundem-se. O autor observa, também, que “o gerúndio que as expressa denota um fato simultâneo ao do verbo usado em forma finita” (2013, p. 345), diferentemente do gerúndio que denota um fato anterior ao do verbo em forma finita e daquele que denota um fato posterior, os quais tendem a exprimir os valores de *tempo*, *causa*, *condição* – para o primeiro – e *adição*, *conclusão* e *consequência* – para o último.

Há, ainda, algumas acepções atribuídas às orações gerundivas com valores de advérbio, como as *modais*, já referidas por Azeredo (2013), e as *conformativas*, e como coordenadas aditivas. Tais noções encontram-se em Cegalla (2008), cujos exemplos vemos a seguir:

(4) O homem entrou na sala **dando** empurrões. (Modo) (CEGALLA, 2008, p. 413)

(4a) **Seguindo** velho hábito, ele e a esposa iam juntos ao culto divino na igreja da paróquia. (Conformidade) (CEGALLA, 2008, p. 413)

(4b) A mãe aconchegou a criança e a beijou, **largando-a**, em seguida. (Coordenada aditiva) (CEGALLA, 2008, p. 413)

A classificação que as gramáticas normalmente utilizam para se referirem às orações introduzidas por gerúndio traz como critério o aspecto semântico. No entanto, devido à plasticidade semântica e sintática das construções gerundivas, torna-se complexa a identificação de um sentido predominante na construção analisada, o que dificulta, conseqüentemente, a classificação dessas orações. Nos exemplos (4) e (4a), as noções, respectivamente, de *modo* e *conformidade* não suscitam grandes discussões no que diz respeito ao sentido que denotam. No exemplo (4b), entretanto, o quadro não pode ser visto sob o mesmo olhar. O autor classifica essa oração reduzida de gerúndio como coordenada aditiva. Claramente, a construção referida pode ser analisada neste viés, uma vez que é possível afirmar que “*largando-a, em seguida.*” é uma oração que está sendo apenas “adicionada” à oração principal e que, dessa forma, pode ser substituída, na sua forma desenvolvida, pela construção com a conjunção aditiva “e” “e

largou-a, em seguida”. Embora a oração analisada em (4b) possa, semanticamente, fornecer-nos uma “informação aditiva”, é, também, possível que o leitor extraia uma noção de adversatividade atrelada à forma gerúndio. Se substituíssemos “largando-a, em seguida.” por “mas largou-a, em seguida”, estaríamos criando, além de uma sintaxe nova para a construção, uma semântica diferente, a qual seria pertinente em alguma provável situação comunicativa.

A maleabilidade das construções gerundivas criam empecilhos às explicações linguísticas daquelas gramáticas cujo foco é a simples classificação dos fenômenos linguísticos. Essa dificuldade de classificação é exposta por CEGALLA (2008, p. 413) quando afirma que as “coordenadas aditivas traduzem fatos imediatos, ações subsequentes a (não consequentes de) outras. Essas orações são de difícil classificação. Optamos pela que nos parece melhor”. A partir dessa pequena análise, podemos concluir que é latente, em certas orações que apresentam gerúndio, certa ambiguidade, principalmente naquelas construções que representam orações coordenadas.

Elaborou-se um quadro a fim de sistematizar os valores semânticos atribuídos ao *gerúndio* nas gramáticas analisadas nesta seção.

Quadro 1 – Usos do Gerúndio em Cunha e Cintra (2008), Azeredo (2013) e Cegalla (2008).

	Adjetivo	Coordenativo			Advérbio								
		Concl.	Adiç.	Adv.	Conces	Cond.	Temp.	Causa	Modo	Meio	Cons.	Conf.	
Cunha e Cintra (2008)	X				X	X	X	X					
Cegalla (2008)	X	X		X	X	X	X	X	X			X	X
Azeredo (2013)	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Claramente, percebe-se uma disparidade entre o que Azeredo (2013) e Cegalla (2008) reconhecem como valores semânticos do *gerúndio* e o que Cunha e Cintra (2008) reconhecem. Constata-se, dessa forma, que, para os últimos, as orações gerundivas não constituem um tópico relevante de descrição, uma vez que a possibilidade de o *gerúndio* assumir valores semânticos distintos é evidente, conforme posição dos outros autores citados nesta seção. A discussão acerca da semântica das

orações gerundivas em Azeredo (2013) e Cegalla (2008) parece reconhecer que há certa importância em discutir e descrever os diversos papéis semânticos da forma verbo-nominal gerúndio. No entanto, é importante ressaltar o teor da discussão nos dois autores: o último apenas apresenta as possibilidades de construções oracionais com *gerúndio* e as classifica, já o primeiro descreve os casos de forma mais analítica e explicativa, o que se distancia um pouco de uma abordagem puramente normativa. Ainda assim, a forma verbo-nominal *gerúndio* nos revela nuances no vernáculo que transbordam a descrição de boa parte das gramáticas do português brasileiro.

2. Metodologia de Pesquisa e Seleção de *Corpus*

Este trabalho utiliza como *corpus* de análise trechos de redações do Banco de Redações do *site* UOL – **Universo Online** (BANCO..., [2014-2015]) a fim de empreender uma pesquisa de cunho qualitativo. O objetivo desse banco é criar um espaço para a discussão do texto escrito, mais especificamente do tipo textual dissertativo-argumentativo, uma vez que, ainda, a produção textual considerando essa tipologia prevalece nos principais concursos vestibulares e no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) como forma de avaliar a qualidade da produção escrita dos candidatos.

O *site* mantém o seguinte procedimento: é apresentada uma proposta para a produção do texto considerando uma temática atual. Os usuários, então, têm um prazo para enviar os textos para que, posteriormente, possam ser corrigidos e publicados com uma correção que perpassa aspectos de conteúdo, estrutura e expressão linguística. Devido à autoria dos textos enviados ser anônima, não há como especificarmos dados estatísticos dos autores como, por exemplo, idade, sexo etc. Todavia, subentende-se que, uma vez que o tipo (ou gênero, se considerarmos a redação escolar) solicitado na proposta é o dissertativo-argumentativo, é possível que parte significativa dos autores sejam egressos do Ensino Médio e/ou aspirantes à universidade.

Para análise deste trabalho, foram feitos pequenos recortes de redações de forma manual e aleatória – considerando aquelas com desempenho bom, médio e insuficiente – em que houvesse construções gerundivas “desviantes” do ponto de vista sintático-semântico. É importante lembrar, ainda, que o conteúdo das correções não constitui o

objeto de análise deste artigo ainda que sejam pertinentes para análise de um trecho ou outro.

A escolha desse *corpus* justifica-se na medida em que é possível encontrar usos “atualizados” da forma verbo-nominal gerúndio em textos escritos, visto que os trechos coletados são partes de redações escritas para propostas vinculadas pelo *site* entre 2014 e 2015. Além disso, a redação escolar é um “gênero de treino” para, principalmente, alunos do Ensino Médio – ou seja, jovens – exercitarem a escrita no que concerne ao tipo textual dissertativo-argumentativo. Dessa forma, esses textos são resultados de um conhecimento de língua menos conservador e mais suscetível a mudanças linguísticas de qualquer ordem, embora a orientação para a escrita dessas redações solicite o uso da norma culta padrão da língua.

Ressalte-se que alguns trechos analisados trazem termos entre colchetes, que significam a correção realizada pelos professores vinculados ao *site*.

4. Análise do *corpus*

Sabemos que a forma verbo-nominal gerúndio é bastante versátil. E essa característica torna-se mais evidente quando a observamos em textos escritos, uma vez que ela goza de certa fluibilidade sintática, o que acarreta a ampliação do espectro semântico que atribuímos a essa forma. Com efeito, de acordo com o contexto em que estão inseridos, confere sentidos diferentes às construções oracionais.

Vejam um exemplo no trecho abaixo extraído das redações do *site* UOL.

(5) Assim, esse debate vai além da flexibilização da linguagem de um livro em si, **passando** pelo aspecto social e educativo do público o[do] qual se está falando. (LER..., 2015) (nota 6,0)⁵

Verificamos que a oração introduzida por gerúndio cumpre o papel de “explicação” em relação à oração núcleo, visto que poderíamos substituir a forma gerundiva pela conjunção “pois” juntamente com uma forma flexionada do verbo “passar”. Embora o valor explicativo das orações gerundivas pareça ser bastante comum em textos, considerando a produtividade da construção acima analisada, é pouco usual

⁵ As notas atribuídas aos trechos analisados referem-se às avaliações dadas pelos avaliadores do *site*.

encontrarmos esse valor referido na GT. Há, também, em (5), a possibilidade de atribuirmos um valor “aditivo” ao gerúndio, no entanto o contexto semântico que se apresenta força-nos a entender que uma relação de “adição” entre as duas orações seria um valor periférico comparado ao de “explicação”, que parece ser central.

Examinemos, agora, alguns valores semânticos que aparecem com mais frequência nas redações, embora, em certos casos, a classificação atribuída a elas possa ser questionada:

(6) Acredita-se que essa punição que Vieira recebeu foi certa, e o Estado agiu de forma cabível, **podendo** alegar como ele adquiri[acquire] e possui equipamentos que registra fotos em uma penitenciária [penitenciária]. (conclusão) (MANIFESTAR-SE..., 2014) (nota 1,5)

(6a) Em 2014 Patrícia Secco publicou uma adaptação da obra “O Alienista” de Machado de Assis, **alegando** que os jovens não têm interesse por clássicos da literatura brasileira, pois [porque] não compreendem a linguagem textual. (adjetiva explicativa) (ADAPTAÇÕES..., 2015) (nota 5,0)

(6b) O único limite da liberdade de expressão é a lei. Ideias racistas ou homofóbicas, por exemplo, não podem ser defendidas **utilizando** essa liberdade como justificativa. (condicional) (ÚNICO..., 2015) (nota 5,0)

(6c) O Estado nada mais é que um serviço [serviço,] que teria como propósitos manter a paz e a ordem entre os cidadãos da Nação, **administrando** os conflitos que surgem naturalmente em qualquer sociedade, por meio da Justiça, nos limites de seu território. (modo) (O ESTADO..., 2014) (nota 8,0)

(6d) **Concluindo**, não há necessidade de banir o Estado ou acabar com ele. Apenas exigir que mude por [para] um regime mais aberto, que respeite a opinião de cada um, que haja [aja] de acordo com as Leis, não minta, não seja corrupto, enfim, um regime mais consciente e que melhore a qualidade de vida do povo e que todos fiquem satisfeitos. (conjunção conclusiva) (OS PRÓS..., 2014) (nota 5,0)

Empreender uma análise do papel semântico do gerúndio em orações reduzidas não é uma tarefa simples. Embora tenhamos atribuído uma classificação para cada uso apresentado, há nuances que escapam a um olhar essencialmente classificatório. Se examinarmos o uso em (6) e em (6b), é possível que cheguemos, respectivamente, ao sentido de “conclusão” e de “condição” com mais facilidade”. No entanto, analisando as construções (6a) e (6c), estabelecer o valor semântico das orações gerundivas torna-se mais complexo.

Em (6a), atribuiu-se o valor semântico adjetival, uma vez que a construção sintática nos leva a acreditar que se trata de uma clássica oração adjetiva explicativa. Entretanto, é questionável o fato de que Patrícia Secco alegue, em sua obra, que os “jovens não têm interesse pelos clássicos da literatura”; como também é questionável que a finalidade da obra seja esta – se considerássemos classificar a oração como “adverbial final”. Como a sintaxe da oração permite algumas interpretações, há a possibilidade de entendermos que ali há um valor conclusivo, que o autor da redação conclui que a autora alega que, por publicar uma adaptação de um clássico da literatura, os “jovens não tem interesse pelos clássicos da literatura”. Já no exemplo 7c, a ideia de *modo* parece ser mais evidente, embora haja uma clara possibilidade de estabelecermos um valor de *adição* ([...] *que teria como propósitos manter a paz e a ordem entre os cidadãos da Nação e administrar os conflitos que surgem naturalmente em qualquer sociedade* [...]) sem que isso acarrete problemas sintáticos. No caso 7d, o gerúndio substitui um conjunção conclusiva. Esse uso é um recurso bastante comum em textos de alunos do Ensino Médio para iniciar a finalização de um texto – obviamente, pelo valor semântico do verbo em si, e não pelo gerúndio. Esse recurso é bastante utilizado na fala como uma espécie de marcador discursivo isolado sintaticamente, que serve de “ponte” entre um momento e outro do discurso (*Continuando. Veremos a seguir a última obra da mostra. / Seguindo. Nossas finanças estão em perigo.*).

Vejamos, agora, um trecho em que podemos constatar a versatilidade sintático-semântica do gerúndio e seu uso acentuado.

(7) Na área econômica, por exemplo, o Estado deve apenas fomentar o desenvolvimento, sem grandes intervenções, **dando** condições à iniciativa privada de crescer e movimentar a economia, **gerando** riquezas. É importante o governo incentivar o crescimento de áreas precárias, **atuando** em parceria com empresas e também atuar [também] como regulador, **evitando** abusos de poder de grandes grupos

empresariais, **intervindo** quando necessário, mas sempre **garantindo** a livre concorrência. (O PAPEL..., 2014) (nota 10)

Indubitavelmente, esse parágrafo geraria alguns problemas se o objetivo fosse a classificação das orações introduzidas por gerúndio, uma vez que os valores semânticos que o gerúndio imprime às orações que introduzem parecem ambíguos. Analisando as possibilidades de sentido que as formas fornecem, poderíamos elencar, respectivamente, os valores de *modo*, *conclusão*, *modo*, *finalidade*, *finalidade* e *adversatividade*. No entanto, na primeira ocorrência de gerúndio, o valor de *modo* pode ser facilmente substituído pelo valor de *finalidade*, o que confere à construção um caráter ambíguo – *dar condições à iniciativa privada de crescer e movimentar a economia* pode ser *como* o Estado deve fomentar os investimentos sem grandes intervenções, mas também pode ser *para que* o Estado deve fomentar (...). Outra questão que deve ser analisada de forma mais fina diz respeito à construção *gerando riquezas*. Podemos examinar essa frase com base na ideia de “correferenciação” de sujeito das orações reduzidas de gerúndio a que se refere Azeredo (2013), conforme exposta anteriormente. Sintaticamente, por uma questão de paralelismo sintático, a expressão examinada teria como referente o *Estado*, como acontece com a forma *dando*. Entretanto, o leitor, considerando a aparente ambiguidade do gerúndio na oração anterior, encontra dificuldades para estabelecer o referente do verbo *gerando*. Esse “equivoco” sintático causa, também, uma ruptura semântica, uma vez que o leitor apenas tateia o sentido gerado pela expressão já que não consegue, com clareza, saber “quem gera riquezas”.

Seria importante que esse período fosse reconstruído devido à intencionalidade do autor não estar clara. No entanto, uma informação relevante é que esse texto alcançou a nota máxima (10 pontos) pela avaliação do *site*. Embora não tenhamos a intenção de classificar tal caso como um erro (grave ou não) ou de desvalorizar a qualidade do texto, seria importante que esse ponto fosse debatido na avaliação, o que não acontece.

Tal caso, que parece expor um uso indiscriminado (ou “desviante”) do gerúndio como recurso textual, não é um fenômeno isolado, pois encontram-se ecos desse “uso” em construções cujas relações sintático-semânticas estão mais truncadas, como no exemplo a seguir – as duas frases pertencem ao mesmo texto:

(8) Faz tempo que o jornal vem **desrespeitando** a religião islâmica. Algumas de suas publicações como, **representando** o profeta Maóme (o que é extremamente proibido);

chamando o Alcorão de merda (livro sagrado dos muçulmanos); uma série de ofensas contra o Islã. Insultar seria liberdade de expressão?! (EU..., 2015)

(8a) O jornal queria chamar a atenção e conseguiu, **atacando**, **chocando** com imagens tão fortes, **denegrindo** a imagem da religião. Eles fazem tudo isso, depois querem se defender **usando** como critério a liberdade de se expressar, **questionando** a população. (EU..., 2015) (nota 1,0)

Observa-se que o autor do texto vale-se da versatilidade do gerúndio, uma vez que recorre com frequência a essa forma do verbo para construir suas ideias. E o autor utiliza tanto as formas gerundivas com valor adjetival quanto as com valor adverbial (de *meio* e *modo*, em sua maioria). Além de problemas sintáticos mais graves, como ocorrem em (8), onde encontramos um fragmento de período, encontramos certa dificuldade em estabelecer uma relação de sentido entre a oração *questionando a população* e as demais anteriores no exemplo (8a). Considerando como critério um paralelismo sintático-semântico, diríamos que se trata de uma oração com valor adverbial de modo, já que a anterior desempenha esse papel. Todavia, pelo contexto discursivo, é questionável a ideia de que “questionar a população” seja um modo de “eles se defenderem”. Entende-se, dessa forma, que (8a) está semanticamente “descolada” das orações com as quais estabelece relação sintática.

Não há como dizer que o valor da avaliação atribuído ao texto seja diretamente proporcional ao uso “desviante” das construções gerundivas, uma vez que a incidência dessas estruturas é comum tanto em textos bem avaliados quanto em mal avaliados. No entanto, o que se verifica, visto que as produções estão corrigidas, é que em alguns momentos os trechos com estruturas gerundivas “desviantes”, do ponto de vista sintático-semântico, não são questionadas pelos “professores” do UOL, embora os trechos apresentem problemas de relações semânticas e, por isso, necessitassem de reescritura. Um aspecto importante desse processo é o fato de a concepção teórico-gramatical que transparece na correção das redações parecer bastante tradicional. Trechos que utilizam o pronome demonstrativo “esta”, por exemplo, são corrigidos para “essa”, como na frase “A *flexibilização de grandes clássicos está baseado no fato de que, muitos [que muitos] jovens deixam de ler grandes obras, porque estas [essas] exigem um domínio literário e linguístico superior a este [esse] público.*”.

Desse quadro, podem-se extrair algumas pequenas e especulativas conclusões. A primeira delas diz respeito à relação entre “texto bem escrito” (que goza de um bom domínio da linguagem escrita culta padrão) e o uso “desviante” das formas com o morfema *-ndo*. Verificou-se que não há uma relação inversa entre textos com bom desempenho linguístico e uso desviante do gerúndio, assim como o contrário não acontece com os textos cujo desempenho linguístico está comprometido. Outro dado importante extraído dessa análise parece nos fornecer a informação de que essas correções estão pautadas por uma concepção bastante tradicional, as quais desconsideram, ou entendem como de menor valor, aspectos importantes para a construção do sentido dos textos, que são as relações semânticas entre as orações, especialmente, para este trabalho, as relações que envolvem o uso do gerúndio.

Além das hipóteses mencionadas, consideramos a possibilidade da gramaticalização. Embora haja, em algumas construções, problemas semânticos devido ao uso aparentemente indiscriminado do *-ndo*, existe a possibilidade de esses novos empregos estarem se cristalizando na língua, assim como *onde*, cujo uso como pronome relativo indicador de “lugar” – ou seja, como um pronome capaz de retomar sintagmas nominais que carregam a noção de espaço físico, única acepção que a GT considera correta – já não traduz a polivalência semântica dessa expressão. Segunda Pires de Oliveira (1998, p. 162), os diversos usos de *onde* justificam-se devido ao “processo semântico de formação de relações de parentescos entre usos do um mesmo item lexical” que subjaz a intenção do falante no momento da utilização do pronome, característica que constitui a polissemia. Ainda, conforme a autora, a estrutura polissêmica carrega usos mais nucleares e outros mais periféricos. E aqui se chega a um ponto nodal da discussão sobre a versatilidade e a polissemia do morfema de gerúndio *-ndo* nas construções oracionais. Pode-se afirmar, com base na afirmação de Pires de Oliveira, que os usos nucleares do gerúndio em construções oracionais são as estruturas com valor adverbial e adnominal, conforme descritas anteriormente, e os periféricos, aqueles que integram períodos coordenados.

Não há como delimitar as motivações para usos considerados aqui como “desviantes”, mas é possível intuir que o falante, consciente do papel gramatical das conjunções como plataformas conectoras de orações/proposições, apoia-se nessa aparente propriedade conjuntiva do *-ndo* a fim de estabelecer a conexão necessária entre as orações/proposições. O falante transforma um traço aparentemente recessivo do morfema *-ndo* em dominante. Ou seja, reduz-se a lexicalidade do verbo (mais o

morfema nominalizador *-ndo*) a instrumento gramatical. Esta redução do valor lexical pode acarretar conseqüentemente uma ruptura semântica entre as proposições que foram “conectadas” pelo gerúndio.

Móia e Viotti (2004, p. 719) apresentam a hipótese de que o “*morfema do gerúndio é um marcador meramente sintático de conexão proposicional*, isto é, um morfema semanticamente nulo (como são, por exemplo, as conjunções integrantes)”, embora os autores reconheçam que, se for formulada sem restrições, essa hipótese parecerá bastante redutora do papel do gerúndio. Dessa forma, embora não se pretenda confirmar a hipótese dos autores supracitados, uma vez que falamos, em alguns momentos deste texto, em polissemia da forma verbo-nominal *gerúndio*, entender o morfema *-ndo* como “mero instrumento sintático de conexão proposicional” pode ser uma justificativa gramatical para as estruturas “desviantes” produzidas pelos autores das redações analisadas.

A matriz latina da forma verbo-nominal gerúndio abarcava basicamente as noções circunstanciais de “modo” e “meio”. No entanto, na sua passagem para o português, adquiriu funções que extrapolaram as duas circunstâncias que representava no Latim, como observa Souza:

[...] cumpre lembrar que não ficou o gerúndio português, em sua feição latina, restrito às antigas circunstâncias de modo e meio, visto que passou a exprimir funções adverbiais não expressas pelo gerúndio latino em ablativo. Muito mais amplo que sua matriz latina, o gerúndio português pode expressar dependendo do contexto, ideia de causa, concessão, condição, consequência, finalidade e tempo, sem contar outros valores que absorveu do particípio presente latino. (SOUZA, 2003)

Dessa forma, constata-se que, em sua forma latina, o gerúndio desempenhava funções bastante restritas e específicas. Todavia, sua passagem para o Português foi marcada pela absorção de outras funções latinas e pela aquisição de novas funções, processo este que continua em transição. Por isso, referimo-nos ao gerúndio como uma forma sintática e semanticamente versátil. Essa contínua aquisição de funções e sentido na língua portuguesa pode, sob certo aspecto, justificar os usos “desviantes” que analisamos acima, uma vez que o falante pode percebê-lo como um recurso de fácil estruturação, como um instrumento gramatical maleável e bastante produtivo. E essa expansão de funções parece ser um processo contínuo, ou seja, não se pode descartar a hipótese de que o gerúndio assumia mais funções e que isso, conseqüentemente, gere mais entaves semânticos.

4. O caso “gerundismo”

O “gerundismo” é um fenômeno praticamente exclusivo da fala. Esse termo foi criado para aqueles casos em que o uso do gerúndio é abusivo. Segundo Carvalho (2009, p. 25), “gerundismo é o uso exaustivo e indistinto da perífrase, até quando se refere a ações que não duram no tempo”, como na sentença “vou estar encaminhando o senhor para sala ao lado”. Esse tipo de construção, por certo tempo, era sempre atribuído a traduções de manuais em inglês de *telemarketing*. No entanto, conforme Carvalho (2009), não existe influência do inglês ou de traduções do inglês. O que acontece é um “desrespeito exclusivamente mesoletal (dialeto referente ao meio da pirâmide social) ao aspecto progressivo do gerúndio” (CARVALHO, 2009, p. 25).

É importante ressaltar que a forma infinita gerúndio “goza” de um certo desprestígio social considerável devido à, provavelmente, sua semântica, que pressupõe um processo não finito. Muitos autores mais conservadores entendem o uso do gerúndio, em determinados casos, como uma espécie de galicismo, o qual deve ser evitado. No entanto, segundo Neves (2010), construções gerundivas, principalmente as formas sintéticas que representam orações adjetivas reduzidas, já eram comuns no período arcaico da Língua Portuguesa “e eram bastante produtivas no século XIX”.

O gerúndio, durante a evolução da língua, assumiu diversas funções, e algumas delas não foram bem aceitas tanto por gramáticos quanto pelos falantes em geral. Prova disso foi um decreto publicado por um ex-governador do Distrito Federal, cujo conteúdo ordenava a “demissão” do gerúndio, com a justificativa de que tal forma verbal transmitia a ideia de “ineficiência”, conforme texto de Domingos (2007) publicado no portal *online* Estadão.

Não há dúvida de que tal ex-governador adotou uma medida extrema e inusitada. Dessa forma, faz-se necessária uma diferenciação entre construções em perífrases a fim de compreendermos um pouco melhor o caso do “gerundismo”.

Uma frase como “vou estar (ficar) estudando hoje em casa”, perfeitamente legítima, porque designativa de um processo (a ação se prolonga no tempo), é que teria originado outra como “vou estar passando a ligação agora”, em que, apesar da estrutura frasal idêntica, sem vinculação com o inglês, o aspecto pontual desautoriza o emprego do gerúndio. (CARVALHO, 2007, p. 25)

É possível que, por conta desse “mal-estar” gerado pelo “gerundismo”, outras construções com gerúndio também tenham sido estigmatizadas. No entanto, o que nos

parece evidente é que, havendo ou não abuso, tal forma verbal sente-se, cada vez mais, à vontade na estrutura da língua portuguesa, ou seja, os usos desta forma parecem, seja sintática ou semanticamente, estar em constante expansão.

Considerações finais

Tendo em vista o objetivo deste trabalho, não há a intenção de mapear todos os usos possíveis da forma verbo-nominal *gerúndio*, mas sim de analisar alguns casos, de forma panorâmica, a fim de discutir a versatilidade dessa forma verbal. Inegavelmente, um estudo sobre os usos do gerúndio gera bastante discussão no campo da sintaxe e da semântica devido aos inúmeros contextos em que pode inserir-se. Essa versatilidade adquirida desde a transição de sua forma latina para o português até os dias atuais propicia diversos usos bastante complexos que são pouco debatidos na literatura gramatical de cunho mais normativo.

A despeito dessa versatilidade sintática, nas redações analisadas, não houve caso de oração gerundiva anteposta à oração núcleo, o que mostra certa preferência dos autores dos textos pela ordem direta do período, embora seja comum, em textos diversos, a preferência pela ordem inversa do período, em que a oração gerundiva antepõe-se à oração central.

Percebe-se que os autores reconhecem essa versatilidade do gerúndio, e, por, talvez, entenderem-no como um elemento linguístico de fácil estruturação, usam-no indiscriminadamente, o que pode gerar casos que denominamos “desviantes”, que parecem transparecer a ideia de que o morfema *-ndo* goza de certa propriedade conjuntiva, como se fosse um instrumento gramatical de ligação entre orações. Com efeito, é importante reavaliar o estudo da forma verbo-nominal *gerúndio* no ensino de Língua Portuguesa, uma vez que um modelo pautado na simples classificação e na correção do erro por uma forma gramaticalmente aceita não dá conta da expansiva gramaticalidade que o gerúndio possui na língua portuguesa.

Referências

ADAPTAÇÕES não são válidas. 2015. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/bancoderedacoes/redacao/adaptacoes-nao-sao-validas-validas.jhtm>>. Acesso em: 3 mar. 2015

AZEREDO, José Carlos. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2013. 583 p.

CARVALHO, José Augusto. De olho no gerundismo. *Língua Portuguesa*, São Paulo, v. 4, n. 50, p. 24-25, 2009.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da Língua Portuguesa**. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2008. 760 p.

DOMINGOS, JOÃO. **Governador do DF decreta 'demissão do gerúndio'**, out. 2007. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,governador-do-df-decreta-demissao-do-gerundio,59040>>. Acesso em: 14 mar. 2015.

EU sou a favor da liberdade de expressão. 2015. Disponível em:<<http://educacao.uol.com.br/bancoderedacoes/redacao/eu-sou-a-favor-da-liberdade-de-expressao.jhtm>>. Acesso em: 13 mar. 2015

LER é poder. 2015. Disponível em:<<http://educacao.uol.com.br/bancoderedacoes/redacao/ler-e-poder.jhtm>>. Acesso em: 23 fev. 2015.

MANIFESTAR-SE corretamente: sim ou não. 2014. Disponível em:<<http://educacao.uol.com.br/bancoderedacoes/redacao/manifestar-se-corretamente-sim-ou-nao.jhtm>>. Acesso em: 13 mar. 2015

MÓIA, Telmo; VIOTTI, Evani. Sobre semântica das orações gerundivas adverbiais. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA. 10. 2004, Lisboa. **Anais...** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. p. 715-729.

NEVES, Josiane Rodrigues. A questão da norma culta oitocentista: a distribuição das formas nominais gerundivas em manuscritos e impressos. In: CENTRO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO SUL, 9, 2010, Palhoça. **Anais...** Palhoça, 2010.

O PAPEL do estado em uma nação. 2014. Disponível em:<<http://educacao.uol.com.br/bancoderedacoes/redacao/o-papel-do-estado-em-uma-nacao.jhtm>>. Acesso em: 3 mar. 2015.

O ESTADO e nós, cidadãos. 2014. Disponível em:<<http://educacao.uol.com.br/bancoderedacoes/redacao/o-estado-e-nos-cidadaos.jhtm>>. Acesso em: 23 fev. 2015.

PIRES, Roberta. **Os caminhos do onde:** uma contribuição da semântica para o ensino de língua materna. Santa Catarina: UFSC. [S. l. : s.n.].

SOUZA, Mariza Mencialha de. Formas verbo-nominais latinas ressonâncias em português. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 11., 2003, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno11-08.html>>. Acesso em: 23 fev. 2015.

ÚNICO limite da liberdade de expressão: a lei. 2015. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/bancoderedacoes/redacao/unico-limite-da-liberdade-de-expressao-a-lei.jhtm>>. Acesso em: 3 mar. 2015.